
SOBRE OUTRAS PRODUÇÕES DOS TERAPEUTAS OCUPACIONAIS: OS ENCONTROS DE SUPERVISORES DE ESTÁGIOS DO CURSO DE TERAPIA OCUPACIONAL DA UFSCAR*

O interesse em publicar, nesta revista, os debates ocorridos dentro de um círculo restrito de profissionais e com tarefas tão específicas, é o de apresentar publicamente uma experiência didático-assistencial que vem se desenvolvendo, com sucesso, já há vários anos.

Para tanto é necessário que contextualizemos esta experiência.

Trata-se do IV Encontro de Supervisores de Estágio do Curso de Terapia Ocupacional da UFSCar, ocorrido em outubro de 1990, tendo como participantes os docentes-supervisores de estágios da UFSCar e os terapeutas ocupacionais-supervisores de está-

* O IV Encontro de Supervisores de Estágio do Curso de Terapia Ocupacional da UFSCar - 1990 - foi promovido pelo Departamento de Fisioterapia e Terapia Ocupacional, sob a coordenação das professoras Maria Heloisa da Rocha Medeiros e Michelle Selma Hahn.

gio de diversas outras instituições.

Cabe ainda esclarecer uma particularidade em relação ao curso de Terapia Ocupacional da UFSCar: é que, para o desenvolvimento da disciplina "Estágios Profissionalizantes I e II", optamos por oferecer os estágios das três grandes áreas clínicas em instituições outras e com outros profissionais além dos da própria Universidade. Com isso temos o que chamamos de Supervisores Internos e os Supervisores Externos, isto é, os que pertencem ou não ao quadro de docentes da UFSCar.

Essa opção passa por uma decisão filosófica do grupo de docentes, ao entender que desta forma é possível uma maior e mais efetiva integração Universidade x realidade social, colocando ambas em confronto e em colaboração.

Os Encontros de Supervisores só se efetivaram sistematicamente a partir de 1986. Até então, havia apenas entendimentos de ordem administrativa e pessoal entre os dois lados.

As formas de suas realizações têm se modificado a cada vez, mas em todos eles manteve-se uma característica comum: o de ser um espaço pedagógico e de integração importante, oferecendo "feedbacks" dinâmicos e substanciais a todos os envolvidos nesta prática docente.

O IV Encontro, em particular, foi o primeiro que contou com a participação de alunos, ainda que apenas como observadores. (Achávamos, até então, que deveria ser um espaço específico, especializado e especializante, onde haveríamos de ter privacidade para podermos nos entender). Foi o único, até o momento, que teve a duração de dois dias.

O evento foi organizado pelas então Coordenadoras de Estágios, Profa. Michelle Selma Hahn e Profa. Maria Heloisa da Rocha Medeiros, tendo como tema central: **"O ensino da prática profissional: um difícil desafio"**.

Para seu desenvolvimento foram realizadas três mesas redondas com a participação dos supervisores externos e internos em suas áreas clínicas específicas, duas palestras e um workshop ministrados por docentes do curso de terapia ocupacional da UFSCar e um professor convidado. Contamos com o auxílio financeiro da UFSCar e do CNPq.

O que traremos aqui são apenas os debates referentes às mesas redondas, que foram gravados e depois transcritos e trabalhados para divulgação por uma série de pessoas, mas tendo como principais responsáveis pelo resultado final a terapeu

ta ocupacional Maria Amélia Alcantara Cardoso, a acadêmica Cláudia E. Marques e a Profa. Heloisa da Rocha Medeiros, com a anuência de seus autores.

Mesa Redonda I

O que é ser Supervisor de Terapia Ocupacional na Área de Psiquiatria e Saúde Mental.

Participantes da MESA:

Elisa Kato: terapeuta ocupacional supervisora de estágio no Hospital do Servidor Público Estadual de São Paulo.

Adriana S. Oliveira: terapeuta ocupacional supervisora de estágio no Hospital Dia da Faculdade de Medicina da USP - Ribeirão Preto.

Thelma Matsukura: supervisora de estágio e docente do curso de terapia ocupacional da UFSCar.

Elisa Kato - Faz um breve histórico de como começou a trabalhar com supervisão de alunos no Hospital do Servidor Público Estadual, onde se oferece estágios há 19 anos, ininterruptamente.

Inicialmente, ministrava supervisão aos alunos da USP. Quando implantado o curso de terapia

ocupacional na UFSCar, também começou a dar supervisão a esses alunos desde as primeiras turmas. No início deste seu trabalho os estágios tinham duração de três meses, depois passaram para quatro meses e atualmente tem seis meses de duração.

No Hospital do Servidor Público existem cinco terapeutas ocupacionais na área de Psiquiatria: Cathia e Elisa trabalham na enfermaria, Cecília desenvolve trabalho na geronto-psiquiatria, Heloisa na oficina abrigada, e Seiko com grupos de idosos e nas atividades externas.

Na enfermaria desenvolve-se um programa de atividades de terapia ocupacional, onde o básico da programação é organizar o tempo do paciente. A internação é de curta duração e os pacientes assistidos pela terapeuta ocupacional, estão sob regime de internação integral (HN) e/ou em regime de Hospital Dia (HD). Não há diferença na proposta na programação da terapia ocupacional para pacientes que estão sob regime de internação integral ou de hospital dia.

A programação básica da enfermaria é a seguinte: na 2ª feira, tem-se o Grupo Operativo, que é dividido pelas enfermeiras da clínica no qual as terapeutas ocupacionais participam em esquema de

co-direção; quando há dificuldades de adaptação do paciente na enfermaria, as terapeutas ocupacionais entram com algumas sugestões dentro deste grupo. Após o grupo operativo, inicia-se o atendimento de terapia ocupacional específico, que na 2ª feira se caracteriza pela reunião com os pacientes para programar a semana. As atividades programadas podem ser tanto propostas pelo grupo, como uma proposta dirigida pelas terapeutas ocupacionais para o grupo. Estas atividades em grupo incluem: música, jogos dramáticos e pintura. Os pacientes que não participam desta atividade de grupo podem desenvolver uma atividade individual, mas não recebem orientação direta enquanto as terapeutas ocupacionais atendem o grupo.

Na 3ª feira, há uma visita da equipe (médicos, estagiários, residentes, terapeuta ocupacional) da enfermaria, onde é feito um breve resumo de cada paciente que está internado, seja no H.D. ou no H.N. Em seguida, inicia-se na programação de terapia ocupacional, a Atividade Corporal Dirigida, que é coordenada por Elisa e consiste em relaxamentos e auto-massagem. Quando existem boas condições de tempo, substitui-se esta atividade por passeios breves no Clube da Prefeitura ou no Parque do Ibi-

rapuera.

Na 4ª feira ocorre a atividade de psicodrama, onde participam médicos, residentes, psicólogos e estagiários da terapia ocupacional, dirigida por psicodramatista. Em seguida é dada continuidade às atividades de terapia ocupacional introduzidas durante a semana.

Na 5ª feira, o aluno participa do grupo de sociabilização. Deste grupo participam enfermeiras, terapeutas ocupacionais e pacientes. Esta reunião tem uma participação importante da terapeuta ocupacional, que presta assistência nas dificuldades da enfermagem. Em seguida, começa-se o grupo de terapia ocupacional, com propostas verbais ou escritas ou dando continuidade às iniciadas.

Na 6ª feira ocorre a reunião geral com a equipe interna. O serviço todo participa da apresentação de um caso específico. Após esta reunião, a terapia ocupacional desenvolve atividades recreativas, festas, conclusão de atividades iniciadas e avaliação da programação.

A atuação do supervisor sobre o programa de estágio é planejada e aplicada de forma gradativa. No primeiro mês, o estágio acompanha o atendimento da terapia ocupacional que o está supervisionando.

No segundo mês, o aluno começa a assumir um grupo mínimo de pacientes; ele vai desenvolver outros trabalhos relativos à terapia ocupacional, que incluem: leitura de prontuários, entrevista inicial em terapia ocupacional, esboço de algum relatório. É feita uma supervisão semanal ou mais, quando necessário. Cabe ao aluno apresentar seminários de terapia ocupacional e as avaliações de atendimento; há orientações bibliográficas e começa a vivenciar as etapas do trabalho. No terceiro mês o estagiário começa a vivenciar um pouco a programação. Nos meses consecutivos, ele vai desenvolver as próprias idéias com a programação que mais o interessou, seja em atividades corporais, seja em atividades simbólicas.

Os seminários são bimestrais ou mensais de acordo com a supervisora. Tem como temas, assuntos relativos às teorias da terapia ocupacional, tais como: atitudes terapêuticas, a utilização das atividades, métodos de entrevistas, avaliação e evolução, métodos de atendimento básico no tratamento de saúde mental, organização do setor de terapia ocupacional, entre outros.

Percebe-se que o estagiário vive intensamente um ponto de vista que geralmente corresponde ao

do seu supervisor. Sendo assim, ele terá praticamente a noção de um tipo de abordagem. Há intenção de se oferecer conhecimento sobre os outros tipos de programas. Existem vários grupos de atendimento: a) oficina abrigada para pacientes com diversas internações; b) ambulatório para pacientes que apresentam dificuldades em se adaptarem ao local de trabalho, ausência de atividades sociais ou lazer; c) grupo de meia-idade onde se desenvolvem trabalhos pessoais; d) grupo de adulto-jovens, onde é estimulado o convívio grupal, desenvolvimento de projetos profissionais, aprendizagem de alguma função para promover a independência.

O núcleo mais importante do programa de estágio é a participação do estagiário na programação do atendimento, o estímulo à pesquisa e a leitura de tudo que diz respeito à psiquiatria.

Adriana S. de Oliveira - Inicia sua exposição refletindo sobre a comunicação do aluno na instituição, na universidade e com o supervisor. Para tanto conta a seguinte estória do Cebolinha:

"O Cebolinha estava falando baixo com o Cação e ele perguntou o que estava acontecendo. O Cebolinha explicou que estava rouco. Como troca o "r"

pelo "l", o Cascão entendeu que o amigo estava louco. O Cascão fugiu dali e foi com a Mônica. Ela não acreditou, e quis ver o Cebolinha. Quando a Mônica e o Cascão o viram de longe, ele estava batendo no seu sapato com um pau para matar um besouro. Os dois passam a achar que ele está louco mesmo e comentam em voz alta. O Cebolinha os escuta e vai até eles. Eles fogem do Cebolinha, e aí ele é que acha que os dois estão loucos. Tudo se resolve quando a mãe do Cebolinha chega e diz que ele esqueceu de tomar o seu remédio para garganta."

Pensando nesta estória. Adriana questiona como é que fica o aluno, a instituição e a Universidade. Para ela, o Cebolinha é o aluno, que chega com algumas dificuldades. A Mônica e o Cascão são a instituição, que sabe que vem alguém com dificuldades, e não consegue pensar que ele troca ainda o "r" pelo "l", e o supervisor fica com a mãe do Cebolinha. A Universidade fica como o Maurício de Souza, aparece de vez em quando, foi quem escreveu a estória.

Assim o trabalho do supervisor é dificultado pela falta de interação entre a instituição-equipe e o aluno; devido a equipe se sentir ameaçada com alguém novo que pode fazer críticas à rotina

já estabelecida; e por outro lado, o aluno chega muito apavorado com tudo aquilo que é novo. Assim, tanto um como outro se comportam como observadores "neutros", criando um clima desconexo, dificultando o crescimento.

Sobre o supervisor, que não tem um vínculo direto com a Universidade, Adriana vê o papel deste como um intermediário entre a instituição e o aluno. "É como um pêndulo de uma balança, onde os dois pratos fazem um apelo muito sério". De um lado a instituição a que pertence, e da qual defende o ponto de vista, e do outro lado, um terapeuta ocupacional em formação, "meu futuro colega", que se apresenta com teorias e críticas. Sugere que isto seja refletido neste Encontro, e também sobre o quanto o supervisor tem de amadurecimento, prática e especialização para poder oferecer estágio supervisionado. Um outro aspecto que reflete é sobre a responsabilidade do supervisor pelas atitudes do aluno. Pois no ambiente de trabalho, o estagiário toma atitude, faz colocações, e vive uma espontaneidade da própria pessoa pela qual o supervisor não pode se responsabilizar.

Uma outra questão levantada foi sobre a Ética, que a seu ver não se ensina: "vem do berço",

por estar relacionada com a identificação da pessoa com o que está fazendo. Assim, se há uma sensibilização com a situação, vem o respeito, naturalmente. Não se pode deixar de lado uma série de separações que o aluno é obrigado a ter neste período. Ele se separa da Universidade, de toda uma vida que tinha, e passa a ter uma nova vida de responsabilidade profissional. Quando não há identificação com o estágio, fica difícil ter sensibilidade em relação ao que acontece. Neste caso, o supervisor é um intermediário entre a Universidade e o aluno, principalmente no que toca a "bagagem" teórica do curso, que consiste numa visão muito séria em termos sociológicos e filosóficos; uma formação ampla. Porém o mercado de trabalho oferecido são os macro-hospitais onde é pedido que não se coloque em prática isto que se sabe. O estágio, como tem sido dado, facilita a adaptação do futuro profissional a esse tipo de realidade.

Thelma Matsukura - Inicia sua exposição falando sobre a questão do supervisor como co-responsável pela formação do aluno. O supervisor interno, ou seja, aquele docente da Universidade que dá supervisão, não se caracteriza como co-responsável pela formação do aluno, uma vez que a prática da su-

pervisão interna permite avaliar diretamente a responsabilidade assumida desde o início do curso na formação do aluno. Questiona a necessidade de contato do aluno com o supervisor interno, ou seja, se pode ser realizada apenas de forma "externa", ou só pelos supervisores externos. Em termos de perspectivas futuras, o curso de graduação de terapia ocupacional na UFScar está tentando implantar uma "área de estágio", e espera-se, através deste encontro de supervisores, poder encontrar parâmetros de implantação para novas formas de supervisão. O que os alunos realizam no estágio na UFScar é parecido com o esquema do Hospital do Supervisor Público. Ela ressalta que para oferecer estágio na área de Saúde Mental e Psiquiatria é necessário um número razoável de pacientes.

Os problemas surgem a partir daí, uma vez que não há garantia de que haverão estagiários a nível local, visto que o interesse por este estágio geralmente é dos alunos que necessitam permanecer na cidade. Assim sendo, se não houver estagiários, o docente terá que manter o atendimento, independente do oferecimento do estágio. Além disso, o docente tem várias outras atividades a cumprir além da de extensão, desenvolvendo pesquisas, ati-

vidades administrativas, disciplinas, etc. Desta forma não é possível assumir atendimentos integrais a 8 ou 10 pacientes. Uma outra dificuldade enfrentada é o alto nível de desistência dos pacientes.

O aluno que fica para fazer o estágio interno se depara com o número limitado de pacientes e conseqüentemente um número limitado de diferentes diagnósticos para a intervenção. Na tentativa de suprir esta carência, no ano passado as supervisões foram realizadas em grupo. O estagiário tinha poucos pacientes, mas pode saber e acompanhar o tratamento dos colegas.

Um dos motivos do estagiário procurar as instituições "externas", talvez seja pelo fato de ter tido contato apenas com a prática clínica dos docentes em terapia ocupacional, e não ter tido contato com os estagiários do quarto ano do curso.

Assim, questiona-se a necessidade de manter ou não estagiários na UFScar, e caso necessário, deve-se alterar a dinâmica do que acontece atualmente nesta instituição.

Debatedora:

Jussara: Ressalta a importância de se discutir o papel do supervisor; se este é mediador entre a Universidade e o estagiário, ou se é mediador entre a Instituição e o estagiário. Uma outra questão é a dificuldade de desvinculamento do aluno da UFScar para fora, e o quanto isto interfere no estágio. Lembra ainda que o estágio no "Servidor" é de meio período e o do HD-USP/RP é de período integral. Acrescenta ainda, que no Encontro Nacional de Docentes de Terapia Ocupacional, foi discutida uma proposta da World Federation de que o estágio em terapia ocupacional tenha duração de 6 meses, em período integral numa instituição, proposta esta recusada naquele Encontro em Porto Alegre.

Debatedora:

Adriana - Diz que o papel do supervisor é amenizar tudo: o aluno, a instituição e essa equipe aonde ele vai amenizar a distância entre a assistência e o ensino; "não dá para você separar uma coisa da outra."

Acredita que nesta área, a perda do vínculo com a escola interfere no estágio, uma vez que pas

sa todo o mês com uma pessoa que não conhece, e em local que não condiz com o idealizado, além da constante troca de instituição e cidades a que o aluno se sujeita.

Quanto à prática de 6 meses, acha que é mais produtiva, porque o estagiário "tem tempo para observar a equipe, brigar com esta equipe, tem tempo de fazer as pazes e ver a produção que criou."

Elisa - O "Servidor" mantém uma espécie de avaliação para ver o interesse dos alunos em psiquiatria, porque a expectativa não é a de que o aluno saia com a metodologia assimilada, mas sim com a experiência de alguns atendimentos. Como já havia dito, o estagiário passa por uma fase de adaptação, depois por uma fase de crescimento de desenvoltura e finalmente para o desenvolvimento do papel profissional.

Michelle - Retoma à questão sobre o que é ser supervisor, e salienta que se o supervisor "de fora" se digladiava com a situação de que o aluno está se afastando da Universidade, tentando se adaptar às novas situações, etc.; por outro lado, o supervisor "interno" lida com um outro lado do problema,

que é quando o supervisor interno deixa de ser o professor de "Aplicadas" para ser um supervisor de estágio, um profissional de terapia ocupacional, e o aluno então enfrenta com muita dificuldade essa diferenciação. Por esse motivo é adepta a que o aluno faça pelo menos um estágio fora, para que saia do "ambiente doméstico" da Universidade e vivencie a prática clínica "lá fora".

Viviane - Tendo vivenciado a supervisão interna e externa, compartilha com a idéia da importância do aluno estagiar fora por ser uma experiência mais enriquecedora, tanto profissional quanto pessoalmente.

Adriana -Expõe que este ambiente "doméstico", também ocorre no estágio externo, e que o supervisor "externo" compartilha das preocupações com a adaptação do aluno. Sobre a necessidade de contato de alunos de 3º ano com os do 4º ano; diz ter tido uma experiência semelhante, com um aluno do 4º ano e um profissional que fazia aprimoramento em terapia ocupacional, e que por ser alguém mais próximo dele e também vivenciado dificuldades semelhantes, facilitou a adaptação do estagiário.

Elisa - Tendo uma visão diferente da situação, acha que neste período de adaptação, é necessário que se ensine ao aluno a ousar, a tentar a sua independência, apesar de necessitar apoio neste momento, certamente se desvincular.

Thelma - Aborda a possibilidade do aluno vinciar diferentes "espelhos", aprendendo não só com os profissionais, mas também com os colegas que estão atuando.

Jussara - Atualmente, a formação do terapeuta ocupacional no Estado pode se entender em forma de Aperfeiçoamento, após a graduação. Dentro da sua visão, o estágio profissional não tem o objetivo de especialização como aborda Elisa. Por isto, ela não é favorável a um estágio de 6 meses em período integral, pois vê o estágio profissional como um elemento básico que permite ao aluno apenas iniciar um atendimento, e não de se inserir tranquilamente num macro-hospital ou enfermaria psiquiátrica, hospital geral, trabalhando livremente com um conhecimento total da situação sem qualquer supervisão.

Adriana - Complementa a questão levantada dizendo que a formação profissional, no ensino brasileiro, é feito sempre de forma genérica, e depois é que o profissional vai se especializando na área em que quer atuar. Isto não é uma característica só da Terapia Ocupacional, salienta.

Elisa - Ressalta a importância da especialização e incentiva os estagiários a fazê-las, como forma de ter um método que propicie ganho de tempo e qualidade.

Viviane - Questiona sobre o quanto o docente supervisor espera do aluno, a maturidade que o docente exige do aluno, e o que ele quer que o aluno saiba.

Helô - Aponta a dificuldade de ser profes-sor de terapia ocupacional na UFSCar, de se instalar um serviço de terapia ocupacional na cidade, porque a Universidade não encampa isto integralmen-te. Não se tem, na UFSCar, toda uma estrutura de saúde acoplada aos cursos. Assim há a necessidade dos estágios externos, onde os supervisores "externos" são também "docentes" do 4º ano, mas sem ter

nenhuma participação no que está sendo feito no 1º, 2º e 3º anos do curso; sendo esta situação problemática a ser trabalhada a cada ano.

Jussara - Relata que quando o aluno chega ao estágio, costuma transmitir ao supervisor que a escola não ensinou nada, acontecendo isto inclusive com os supervisores internos. Na verdade, diz ela, há uma ruptura de ano a ano que passa da área de Aplicadas e depois desta área para os Estágios, parecendo que não há uma ligação entre o que foi *dado atualmente*.

Adriana - Fala da importância de se analisar mais profundamente o profissional terapeuta ocupacional que irá oferecer estágios, sua atuação, sua maleabilidade de compreensão sobre a profissão, etc. Refere-se ao exemplo dos cursos de especialização em terapia ocupacional que não estão ligados a uma Universidade onde há o curso de graduação em terapia ocupacional. Assim, assume-se o papel de docente sem sê-lo", o mesmo acontecendo quando no papel de supervisor externo. Muitas vezes isto acaba criando problemas no futuro.

Elisa - Saliencia que uma bibliografia sólida é importante para o aluno, e que a universidade deve fornecer o máximo de bibliografia possível e imaginável. E que nem sempre o aluno entende tudo o que lê no exato momento, mas um dia entenderá: sobre o desenvolver de uma atividade, por exemplo, será percebido pelo aluno que o mais importante que aplicar a atividade é saber como é desenvolvida e como conduzi-la.

Selma - Ressalta que a bibliografia é oferecida pela Universidade, mas não se deve deixar de considerar que o aluno nem sempre terá maturidade neste momento para aproveitar este material. Como exemplifica: "não adianta dar psiquiatria para ele em Terapia Ocupacional Aplicada", se ele só vai vivenciar aquelas dúvidas no ano que vem, no estágio", não havendo deste modo um interesse mais aprofundado pela leitura.

Bia - Acredita que devido às características da UFSCar, uma Universidade do interior do Estado, e por não estar inserida no sistema de saúde da cidade ou da região, realmente haverá uma dificuldade do aluno se familiarizar com a instituição, com

o docente, com os profissionais da área. Deste modo o supervisor de "fora", quando recebe o aluno da UFScar deve lembrar que este aluno é acima de tudo carente de experiência de vida.

Mesa Redonda III

O que é ser Supervisor de Terapia Ocupacional em Diferentes Áreas de Atuação.

Participantes da mesa:

Maria Auxiliadora Ferrari: supervisora de estágios na enfermaria de Geriatria-HC-USP

Cristina Yoshie Toyoda: supervisora de estágios na área de Hanseníase e docente do curso de terapia ocupacional da UFScar

Maria Amélia Alcantara: terapeuta ocupacional - São Carlos - coordenadora da mesa

Maria Auxiliadora Ferrari (Maricy) - Inicia falando do estágio em geriatria ser feito por alunos que têm interesse por ele, visto que é um estágio optativo.

O serviço de Geriatria pertence ao Hospital das Clínicas, que é uma macro-instituição porém, há uma grande diferença, pois o serviço tem as qualidades de uma entidade pequena.

Com relação aos estagiários da UFSCar, os mesmos têm feito um excelente estágio, o que é muito gratificante para a supervisora. Somente nos últimos dois anos é que tem havido uma defasagem no conteúdo teórico, precisando ser complementado durante o estágio, talvez devido ao fato da terapia ocupacional da UFSCar ter mudado o currículo para um enfoque na linha do desenvolvimento.

Uma dificuldade apresentada pela instituição é a falta de espaço físico. O setor de Geriatria se constitui de duas enfermarias, sendo uma com 8 e a outra com 9 leitos, uma masculina e a outra feminina, e também de um ambulatório, onde há dois grupos anuais, com doze idosos cada.

Há maior preferência dos estagiários pelo trabalho de ambulatório, pois é grupal e contínuo. Já na enfermaria, a rotatividade de pacientes é al

ta, ficando em média 30 dias. Esse é um tempo relativamente curto para o estagiário perceber que a sua atuação aí não será com a aplicação de atividades, mas sim com um trabalho de adaptação do idoso a este ambiente, visto que o idoso tem mais dificuldade de se adaptar a novas situações.

Dinâmica da enfermaria e a da equipe: Há dentista, médicos, residentes, estagiários de terapia ocupacional, auxiliares de enfermagem, psicóloga, terapeuta ocupacional, assistente social e fisioterapeuta. Por ser um hospital escola, todo o profissional que queira trabalhar com o idoso, e assim conhecer o processo de envelhecimento, é autorizado pelo chefe do departamento para trabalhar na enfermaria. Por isto a equipe é também muito diversificada. Particularmente no setor de geriatria, não há supremacia do médico, mas isto não é absolutamente uma característica do Hospital das Clínicas como um todo.

A rotina da enfermaria consiste no seguinte: às segundas e quartas-feiras há a visita do médico ao leito dos pacientes, a qual o estagiário acompanha; na terça-feira, das 8 às 10 horas, há um curso de geriatria, que o aluno pode participar se houver assuntos do seu interesse; na quinta-fei

ra das 8 às 10 horas, há o atendimento familiar, do qual participam os profissionais ligados ao caso; na sexta-feira há reunião da equipe.

No ambulatório trabalha-se na linha preventiva, e o grupo de idosos comparece às quartas-feiras em período integral. O atendimento de terapia ocupacional e fisioterapia é semanal, e os profissionais - médicos, nutricionistas, enfermeiros - atendem em esquema de revezamento, quinzenalmente.

A supervisão em gerontologia compreende 2 momentos; o primeiro, quando a supervisora está diretamente com o paciente e o aluno, e um segundo momento quando a supervisora está somente com o aluno, discutindo os atendimentos, a instituição, o Hospital das Clínicas como um todo, o serviço de terapia, e os textos trazidos pelo supervisor ou segundo os interesses do aluno.

Os alunos fazem relatórios dos atendimentos que são obrigatórios. Isto é importante, já que é uma forma do aluno aprender e se habituar a escrever. Estes relatórios são exigidos quinzenalmente e há uma comparação entre eles, para que o aluno veja seu progresso.

Acredita que o supervisor deve transmitir uma prática terapêutica, seja através da atuação

ou da observação, para que o aluno possa compreender o paciente e atendê-lo em todas as suas necessidades.

O supervisor ainda transmite ao aluno, quer queira ou não a sua visão de homem, a sua concepção de saúde e doença, de relação terapêutica, enfim seu referencial teórico e sua metodologia. Há também a possibilidade do aluno diferenciar o papel do terapeuta ocupacional na equipe, pois tem a oportunidade de relacionar-se com outros profissionais, mesmo que não seja um relacionamento ideal.

Considera a área de geriatria uma área muito nova, mas no futuro, visto que hoje a expectativa de vida é maior, a velhice precisa deixar de ser vista como doença e ser encarada como um processo normal do desenvolvimento humano.

Cristina Yoshie Toyoda - Trabalhou em 1976 na área de hanseníase em São Paulo. Em 1978 passou a dar supervisão em hanseníase aos alunos da PUC-Campinas. Inicialmente seu atendimento era focado para os componentes físicos da doença, e posteriormente passou a abordar o componente social.

Houve um choque, sentido tanto pela supervisora quanto pelos alunos, relativo ao modo de aten-

dimento, uma vez que o conteúdo teórico da PUC diferia da sua linha de atuação e supervisão.

No ano seguinte, recebeu um grupo de estagiários da USP que não tinha nenhuma formação na área de Hanseníase, sendo dado, deste modo, todo embasamento teórico e prático, da maneira que ela acreditava ser mais coerente.

Nesta mesma época foi implantado naquele ambulatório um trabalho de equipe, passando a se abordar diferentes formas de atendimento: atividades em grupo, visitas domiciliares, etc.

Em 1980, já na UFSCar, implantou no Centro de Saúde local, o trabalho com hanseníase. Por ser uma área optativa, os estagiários que a escolhem querem tirar o máximo de proveito do estágio.

A dificuldade maior é oferecer um estágio numa instituição onde não se é profissional da casa. Nestes casos a instituição dificulta a execução de muitas iniciativas de trabalho, inclusive dos estagiários.

No momento, o Centro de Saúde está reformulando seu modo de agir com relação aos profissionais: Terapeutas Ocupacionais, Fisioterapeutas, Enfermeiros, Psicólogos, que tentam ter seu espaço na instituição. Poder-se-ia agora ter condições de

oferecer estágios abertos, voltados para a saúde pública. O aluno poderia assim ter uma visão não apenas do âmbito clínico, como das abordagens psico-sociais que são fundamentais na área de Hanseníase.

Trabalhando também na clínica da UFSCar, percebe a falta de contato dos alunos com profissionais de outras áreas, que poderiam estar transmitindo outras visões de atuação. Por isso acha importante os estágios "externos".

No atendimento à hanseníase, há toda uma característica física da patologia a ser trabalhada, porém não se pode desvincular a parte psico-social trazida pelos pacientes durante os atendimentos, devido ao preconceito, ao estigma sofrido e ao sentimento de rejeição e marginalização que os pacientes sofrem.

Fazer a integração de tudo isto é difícil, mas deve ser passado durante a supervisão.

No Centro de Saúde, o atendimento caracteriza-se, teoricamente, na parte preventiva, de atenção primária, mas na realidade os casos que aparecem são mais de atenção secundária ou terciária.

Sobre estas várias contradições detectadas

no atendimento ao hanseniano, assim como às demais patologias (desnutrição e problemas educacionais), são questionadas como poderiam ser integradas durante a supervisão, a fim de que os alunos, futuros profissionais, possam aproveitar de maneira integral os recursos materiais e humanos que um Centro de Saúde pode oferecer.

Debate:

Elisa Kato - Pergunta à Maricy como está a divulgação da "Revista de T.O. da USP", e se há uma preocupação de veiculá-la para várias instituições. Acredita que os terapeutas ocupacionais devem divulgar seus trabalhos em diferentes congressos, além dos de terapia ocupacional, para veicular a experiência prática e mostrar que existe uma preocupação de seguir uma certa linha dentro da atividade.

Maricy - Expõe a dificuldade existente para a organização da revista, devido a falta de artigos, e devido também à intenção de que esta revista não contenha artigos só de docentes, mas sim de profissionais que estão no mercado de trabalho.

Jussara - Retorna ao assunto sobre a dificuldade de abordar o paciente de forma bio-psico-social. Coloca que quando o profissional toma consciência desta dificuldade, e passa isto claramente ao estagiário, este assume como uma problemática da profissão.

Pede, em seguida, para Marici esclarecer como é trabalhada a problemática da velhice com relação ao aluno e a questão da ética na relação idoso-estagiário, devido a diferença de gerações.

Maricy - Quando o estágio tem duração de três meses, é difícil o estagiário ter a possibilidade de trabalhar, até com ele mesmo, o problema de que um dia ele será velho.

Durante a graduação, devido a maior disponibilidade de tempo, faz-se várias dinâmicas para o aluno vivenciar aspectos da velhice. Ainda assim o aluno apresentará dificuldades para entender a problemática.

Quanto à questão da ética, acredita-se ser uma questão de valores do velho e do jovem que hoje são muito diferentes.

Cristina (Porto Alegre) - Relata sobre co-

mo é desenvolvida a supervisão em Porto Alegre, onde os supervisores são somente docentes. Isto significa que o docente permanece na instituição durante 15 horas/aula semanais, supervisionando os alunos.

Os estágios também são realizados em diversas instituições da cidade, como a Santa Casa, Hospital Psiquiátrico, Hospital Getúlio Vargas (materno-infantil) e duram de cinco a seis meses, com carga horária de 25 horas semanais. Cada supervisor é responsável por onze alunos.

Expõe a existência de dificuldade semelhante com relação a abordagem do aspecto físico e do aspecto mental, que atualmente é somada através da realização de uma avaliação global, seja qual for a problemática do paciente.

Atualmente o aluno do 1º e 2º semestre, faz estágio de observação durante um mês, nas instituições onde ocorrem os estágios do 7º e 8º semestres, o que traz maior motivação a nível de sala de aula.

Michelle - Volta à discussão de Elisa sobre a dicotomia entre as áreas. Explica que o currículo da Federação Mundial de Terapia Ocupacio-

nal, preconiza a área mental e física como obrigatórias. Frente a isto, no Encontro de Docentes em Porto Alegre, foi discutido com a representante da Federação Mundial de Terapia Ocupacional a atuação dos terapeutas ocupacionais brasileiros, que fazem especialidades nestas duas áreas, e abrangem outras como educação-escolas, social - creche, favelas, etc.

Deste modo, para que haja a filiação do currículo brasileiro à Federação Mundial, é necessário considerar-se as duas áreas clássicas. Foi levado em consideração pela representante da Federação Mundial a discussão sobre a diminuição de horas obrigatórias de estágio e não mais se classificar os estágios por estas áreas.

Adriana - Expõe a dificuldade de estar lidando com a miséria, seja no caso do paciente que já vem crônico para ser tratado, seja no caso da falta de recursos para se realizar o tratamento.

Viviane - Questiona a questão da especialização e do que seriam os atendimentos primários, secundários e terciários, ou seja "como é que junta alguma coisa que tem que ser abrangente".

Fala ainda da dificuldade de passar para o aluno a "não especialidade" do atendimento sem passar os próprios conceitos específicos.

Heloísa - Inicia dizendo que as contradições existem, e aparecem para todos que tentam se aprofundar na questão do conhecimento.

As contradições não ocorrem somente na terapia ocupacional, mas em toda a classe trabalhadora; são inerentes à sociedade que nós vivemos. Ser contraditório não é mais que reflexo desta sociedade.

Coloca também que não adianta querer "juntar" coisas contraditórias como forma de eliminar a contradição. Elas continuarão coexistindo temporariamente, porque é isto o que caracteriza esta sociedade.

Finaliza dizendo que o terapeuta ocupacional antes de tudo, é uma pessoa, traz uma história e determinados valores, e vai se confrontar com outras pessoas, sejam outros terapeutas ocupacionais, os alunos ou mesmo pacientes, que trazem valores diferentes. Deste modo, é difícil encontrar-se um "senso-comum".

Elisa Kato - Reforça a existência de contra

dições também nas outras profissões. Ressalta a importância de se adotar uma linguagem comum, uma determinada metodologia. Para que se possa desenvolver um trabalho de equipe é necessário uma linguagem comum, e a disposição de seguir em frente, e até mesmo abrir novos campos de atuação.